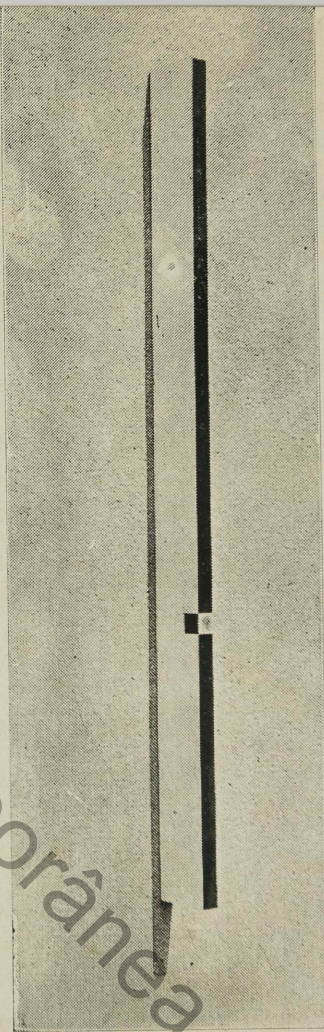


willys de castro nasceu em uberlândia, mg. desde pequeno reside em são paulo, onde estudou e se formou. iniciou seus estudos de desenho com andré fort (1941). de 1944/45 trabalhou como desenhista técnico e durante algum tempo, como figurinista e cenografista. desde 1951 trabalha como projetista gráfico. expôs pela primeira vez em são paulo no "1.º salão de agosto" — (1953); nos "3.º, 6.º, 7.º e 8.º salões paulista de arte moderna" — (1954, 1957, 1958 e 1959); na "4.ª bienal de são paulo" — (1957) e na "1.ª bienal de teatro" — (1957); na "exposição do museu de arte moderna de são paulo" em assunción — (1959); no "9.º salão nacional de arte moderna" — rio de janeiro (1960); na "exposição internacional de arte concreta" em zürich — (1960) e em exposições coletivas em são paulo, pórtor alegre, salvador e terezopolis. exposição individual na galeria da folha — são paulo (1959). prêmio da "associação paulista de críticos teatrais" (1957) e 2.º prêmio "governo do estado" (1957). viagem de estudos pela itália, suíça, França, Portugal e Espanha (1958). membro da "comissão organizadora e do júri de seleção e premiação" do 8.º salão paulista de arte moderna (1959). obras em várias coleções no Brasil, Japão, Suíça e U.S.A..

**galeria aremar — rua general osório 1223 — campinas — 12 a 26/11/60**

1. "campos interpostos" I — 1959 (2ª. versão) — óleo/madeira  
— 40 x 20 cm
2. "campos interpostos" II — 1959 — óleo/madeira  
— 40 x 20 cm
3. "soma entre planos" I — 1959/60 *1958/60* — óleo/tela/eucatex  
*colado* *(23.000)* — 70 x 35 cm
4. "soma entre planos" II — 1959 (3ª. versão) — óleo/tela/eucatex  
*Novo formato* — 70 x 35 cm
5. "soma entre planos" III — 1959/60 (2ª. versão) — óleo/tela/eucatex  
*vermelho branco* — 70 x 35 cm
6. "objeto ativo" I — 1959/60 (2ª. versão) — óleo/tela/eucatex  
*amarelo/papel* — 35 x 70 x 0,5 cm
7. "objeto ativo" II — 1960 — óleo/madeira  
— 91,5 x 2,2 x 6,7 cm



willys de castro

galeria aremar

a supressão da fase material dentro do artístico ronda a pretensão idealística, utópica, de criar a pura obra de arte sem vestígios do objeto. pois, sempre se entrevê, da condição de coisa, a forma e a matéria do suporte intercambiando propriedades com a idéia geradora primeira. a reversibilidade fatal, entrópica, da fase elaborada de obra para a fase material bruta, equaciona a instabilidade perene em que se encontra toda obra de arte. são os requisitos técnicos de execução, duradora e límpida, da idéia geradora, por exemplo, que garantem o estado artístico da obra e, cada vez mais, impedem o seu retorno à primitiva brutalidade da matéria. o esforço, a fim de sublimar o objeto, de material a artístico, tem o principal desígnio de encontrar o ponto em que as propriedades de ambos entram em concôrto, transcendendo-o da opacidade da condição de coisa para a transparência da apreensão de ordem fenomenológica, numa somatória de contrários, dos conceitos e possibilidades do material e da obra de arte, não menosprezando as finalidades da passividade cotidiana do primeiro e da habitual atividade da segunda. assim, tudo o que é nela incluso, é o resultado de uma integração total do fato vivenciado com o material inicial, e depois, do evento registrado com a obra conseguida.

a nova obra de arte é tanto mais criativa e viva quanto mais o suporte de suas idéias entrar no conjunto como parte delas, numa interdependência e coerência extremas, a ponto de não se poder definir perfeitamente, pela análise, os seus limites, sob pena de perder-se parcialmente a extensão de cada um.

a nova obra não é estanque, ela translada os seus significados para o espaço circundante estabelecendo tópicamente novas relações e concordâncias. pois, sem recorrer às referências exteriores, ela coleta de si mesmo os dados necessários à sua comunicação, retirando-os parte do real e parte do virtual. tal obra, realizada com o espaço e seu acontecimento, ao penetrar no mundo, perturba-o e, pelo seu surgimento, deflagra uma torrente de fenômenos perceptivos e significantes, cheios de novas revelações, até então, inéditas nesse mesmo espaço. esse novo **objeto**, investido de tal atividade, torna-se um inteiro caracterizado pela sua autonomia e unicidade, e por isso, altamente diferenciado das obras convencionais.

contendo eventos dentro de seu próprio tempo — iniciados, transcorridos, findados, reiniciados, etc. — e ali demonstrados clara, fluente e indefinidamente, êle inaugura-se no mundo como um instrumento de contar a si próprio. a este ponto íntegro, emissor de formas auto-expressivas significantes, colocado dentro do mundo sensível, denominamos, pois, de **objeto ativo**.

willys de castro — junho 1960